

MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO, HISTÓRIAS DE VIDA E REFLEXIVIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: NARRATIVAS DE PROFESSORES APOSENTADOS.

Lourival da Silva Lopes

Maria da Glória Soares Barbosa Lima

Introdução

Não pretendemos, neste artigo, fazer um histórico sobre a evolução do método autobiográfico e das histórias de vida. É claro que conhecer como evoluiu a pesquisa qualitativa no Brasil é essencialmente importante para o pesquisador que deseja trabalhar esta metodologia. Portanto, procuraremos discutir o método autobiográfico, as histórias de vida e a reflexividade do professor como elementos necessários à formação continuada dos profissionais professores.

Desde as últimas quatro décadas do século XX à atualidade, no Brasil, vem-se evidenciando a evolução de um quadro complexo de luta de professores e de entidades, que os representam, por uma educação e por um processo de qualidade, em contraposição ao quadro de incertezas, indefinições e de apatia que, em geral, tem sido apresentado pelas instituições oficiais.

Historicamente, todo esse quadro é possível de ser descrito, percorrendo os caminhos abertos pela vasta bibliografia que possuímos. No entanto, o que buscamos na pesquisa que desenvolvemos não está nos livros de história da educação brasileira, na verdade está no interior da pessoa do professor, que experimentou, em cada década profissional, a convivência com alunos, com diretores, com pais, com a burocracia da escola, com a legalidade, com os regimentos, com a disciplina/e com a indisciplina, com autoridade/ e com o autoritarismo, com a aprendizagem, com notas, com aprovação/e reprovação, com os castigos físicos e psicológicos, entre outros.

É com esse interesse que estamos empregando a autobiografia e a história de vida como metodologia, em nossa pesquisa, na modalidade narrativas autobiográficas, priorizando a história de vida de um grupo de professores aposentados. Ao utilizar as histórias de vida de cada professor, interlocutor do estudo, enfatizaremos a importância das análises, das observações e das reflexões acerca das histórias narradas pelo grupo em referência e reconstruídas pelo pesquisador, que também é um professor e que, igualmente aos demais interlocutores do estudo, tem a sua própria história de vida. É bem verdade que a história de um não se confunde com a história do outro, mas apresenta situações similares e congruentes, bem como situações paradoxais, às vezes tão necessárias à construção de novas situações-realidade.

Assim, com o desenvolvimento da investigação, a história de vida do professor aposentado vai se decodificando na história e na experiência de vida do pesquisador. Essa decodificação será extremamente importante para a compreensão da história narrada por cada professor. Isso não significa interferência do pesquisador nessa narrativa, mas a compreensão do percurso da vida do professor que, deseja entender o outro como também a si mesmo. Para Galvão (2005, p. 330), a narrativa, como um aspecto inerente à metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa uma intrusão social na vida de outra pessoa, assim diz a autora: “Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo.” Nesse sentido, é importante a atenção do pesquisador que, em face de, eventualmente, haver uma exibição do “eu” por parte do narrador, procurará definir o caminho a ser seguido.

Aspectos teórico-metodológicos do método autobiográfico e das histórias de vida.

Trabalhar com o método autobiográfico e as histórias de vida de professores é algo recente no campo da pesquisa educacional. O caminho que se abriu para a utilização da subjetividade, através do método autobiográfico, começou a ser construído e a tornar-se conhecido em 1988, quando António Nóvoa, em parceria com Mathias Finger, publica O método (auto)biográfico e a formação. Posteriormente, no prefácio à segunda edição de Vidas de professores, Nóvoa diz que, no ano da publicação desse trabalho, a utilização das

abordagens biográficas não tinha qualquer significado. Somente a partir de 1992, quando da publicação da primeira edição de *Vidas de professores*, “a situação já tinha mudado consideravelmente, o que me leva a alertar contra a existência de práticas pouco consistentes e de metodologias sem qualquer rigor.” (NÒVOA, 2000, p. 7).

Dentro dessa mesma corrente de discussões, Sousa (2006) trata sobre história de vida e formação como arte de contar e trocar experiências, fenômeno a que já nos referimos anteriormente, de que as relações entre as histórias de vida do professor e a história de vida do pesquisador confrontam-se, negam-se, confirmam-se, convergem-se, na verdade é apenas uma troca de experiência que dá vida e credibilidade à pesquisa educacional. Nesse sentido, afirma:

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e de formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica de formação do adulto, a partir dos saberes tácitos e experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si. (SOUSA, 2006, p. 25).

A propósito, o autor em referência evoca o pensamento reflexivo, os saberes da experiência, o autoconhecimento e a autorreflexão como elementos indispensáveis nos relatos pessoais de professores, esclarecendo que, nas histórias de vida, quem decide o que deve ou não ser contado é o próprio ator, a quem cabe o “dizível” da sua história, a subjetividade e os percursos de sua vida. É dentro desse quadro que surge uma proposta cuja perspectiva central é a pessoa do professor, o seu “sujeito”, as suas relações intra e extra-escolares. No entanto, o interesse pelos aspectos subjetivos envolvidos na vida dos atores sociais não é apenas preocupação da área da educação, é também motivado pelas mudanças paradigmáticas. Diante da tendência atual de utilização de autobiografia ou histórias de vida, cabe a seguinte pergunta: como é possível a subjetividade das narrativas de professores tornar-se objeto de conhecimento científico? Nesse sentido, Bueno (2002) encaminha-nos para duas noções: a de práxis humana e a de atividade sintética.

[...] toda práxis humana é reveladora das apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais, “interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante” [...]. Assim, mediante um processo de interiorização e exteriorização é

explicitado o caráter dinâmico da subjetividade no âmbito de seu pensamento, de modo semelhante ao que essa questão foi abordada pela filosofia sartriana. Atribuir esse caráter à subjetividade significa, além disso, admitir que a vida humana e mesmo cada um de seus atos se manifeste como a síntese de uma história social. (BUENO, 2002, p. 19).

Dessa forma, a práxis humana é o resultado das apropriações que os indivíduos fazem das relações sociais incrustadas nas estruturas sociais, enquanto que a atividade sintética é o produto final de toda uma história social, suas relações e inter-relações.

Nessa perspectiva, entendemos que na história de vida de um professor, marcada fortemente pela subjetividade, subjaz a noção de sociedade, de coletivo. Mesmo o professor sendo uma pessoa, com características próprias e individuais, as suas relações sociais transformam a sua história na história dos outros e a história dos outros dentro da sua própria história. Burnier et al. (2007, p. 347) afirmam que “[...] a imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional”. Queiroz (1988), sobre esta questão, salienta que

[...] não se nega mais também, que mesmo uma única história de vida possa ser objeto de um estudo sociológico aprofundado e frutífero. Todo fenômeno social é total, dizia Marcel Maus na década de 20. O indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história. (apud BELLO, 2002, p. 26 - 27)

O estudo das histórias de vida dos professores tanto para a análise do currículo como da escolaridade é essencialmente importante especialmente na perspectiva de Goodson (2000) que confirma a necessidade de se garantir que a voz do professor seja ouvida, preferencialmente, em voz alta, de forma bem audível e bem articulada. E, neste caso, o que significa ouvir a voz do professor? Para esse autor ouvir a voz do professor é de grande interesse quando este profissional fala do seu trabalho. Não resta dúvida de que a objetividade científica, tradicional, mecânica tem contribuído para que a subjetividade não seja considerada elemento essencial na pesquisa. Por outro lado, a pesquisa educacional, nos últimos anos, tem buscado a experiência do professor, como um trajeto possível para se chegar à compreensão

de sua formação, tanto como pessoa, como profissional. Assim, conforme Goodson (2000, p. 73):

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. De acordo com o 'quanto' investimos o nosso 'eu' no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática.

Assim, as histórias de vida dos professores têm-se constituído atualmente em matéria estudada não apenas pela educação, mas pela psicologia, pelas ciências sociais, pela história, entre outras ciências, o que revela que essas histórias ganharam status de cientificidade. De acordo com Nóvoa (2000), existem outras pertinências que dão sentido ao desenvolvimento de modalidades de investigação e de formação que se relacionam com as dimensões pessoais e profissionais que se juntam às razões científicas. E, de fato, é isso que estabelece a cientificidade exigida nas pesquisas educacionais.

É importante esclarecer que método autobiográfico e histórias de vida têm algo em comum, pois são relatos de vida, experiências acumuladas no dia-a-dia profissional. No entanto, diferem-se na forma. Para Miguel (apud BELLO, 2002, p. 31), as autobiografias são escritas, enquanto que as histórias de vida são narrativas orais. De acordo com esse autor, as autobiografias nunca têm fim, porque a história de vida de uma pessoa se amplia até o infinito e pode ser contada de várias maneiras, sofrendo novas interpretações. Outro aspecto revelado nas histórias de vida é que elas apresentam marcadores, que são pontos de inflexão, momentos críticos, situações, que dão sentido e coerência à vida e que devem ser analisados pelo interlocutor. "Dar sentido à vida é um dos projetos típicos de uma história de vida e isso só acaba com a morte". (BELLO, 2002, p. 32). Para interpretar as narrativas autobiográficas, há de se considerar que existem três tipos de histórias de vida, conforme sugere Miguel, autor citado anteriormente: aquelas cuja interpretação é feita pelo próprio leitor; aquelas que incluem interpretação sistemática do próprio entrevistado; aquelas que são utilizadas mais como exemplo ou certificação de uma teoria ou de um texto.

Em pesquisa com professores aposentados, como a que estamos desenvolvendo, há que se levar em consideração, pelo menos, os dois primeiros tipos de histórias de vida, pois as interpretações e análises de experiências serão fundamentais para a compreensão de suas práticas pedagógicas, tanto as feitas pelo entrevistado como pelo entrevistador-pesquisador. Quanto ao terceiro tipo, aquele utilizado como exemplo ou certificação de uma teoria ou de

um texto, pode, dependendo do objetivo da pesquisa, ter uma concepção teórico-prática. Interpretar as experiências do professor não significa dar-lhes conotação à subjetividade do entrevistador, ao contrário, significa mostrar as nuances e os percursos de uma vida, de forma imparcial, honesta e sensata, uma vez que “[...] não temos acesso direto à experiência dos outros, lidamos apenas com representações dessa mesma experiência por meio do ouvir contar, dos textos, da interação que se estabelece e das interpretações que são feitas”. (GALVÃO, 2005, p. 330).

Desse modo, a narrativa mostra-se como um bom método de tornar públicas as vozes dos professores, por exemplo. Em cada narrativa é possível entender como a experiência se torna algo capaz de transformar a realidade presente. Segundo Galvão (2005, p. 331):

[...] as histórias revelam conhecimento tácito, importante para ser compreendido; têm lugar num contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, o que dá uma estrutura à expressão; geralmente está envolvida uma lição de moral a ser aprendida; podem dar voz ao criticismo de um modo social aceitável; refletem a não separação entre pensamento e ação no ato de contar, no diálogo entre narrador e audiência.

Assim, esse autor reafirma que essas razões creditam ao método autobiográfico seriedade, criticidade e análise de contexto, proporcionando à pesquisa credibilidade, originalidade e autenticidade. Credibilidade no que concerne ao conhecimento experiencial de cada narrador. Originalidade naquilo que cada história contém de novidade. E autenticidade no resultado das análises.

A partir dessa visão, entendemos que reconstruir as histórias pessoais do professor e o seu envolvimento com os outros na escola contribui, também, para a formação profissional daqueles que, pacientemente, ouvem as suas vozes. Seguindo o mesmo raciocínio, Maués (2003) considera que a reconstrução de histórias pessoais, analisando aspectos educacionais, crenças, valores e normas, pode contribuir para melhorar qualitativamente a prática docente individual e, em consequência, a prática docente no sentido mais amplo. Refere, nesse sentido, que é visível a relação entre histórias de vida e memória, deixando claro que a memória, embora desprezada por muitos e principalmente pelo paradigma da modernidade, não é um amontoado de fragmentos arruinados, mas é, sobretudo, o conjunto das descobertas e das diversas possibilidades e limites enfrentados que dão razão ao futuro e sentido ao presente, enfatizando, pois, “[...] a necessidade de estudá-la, compreendê-la e não

desprezá-la, utilizando-a em nossas reflexões sobre nossas práticas buscando explicações e entendimentos que favoreçam práticas mais significativas à formação de futuros educadores”. (MAUÉS, 2003, p. 3).

Ao teorizar sobre histórias de vida, Chizzotti tece alguns esclarecimentos:

[...] a história de vida ou relatos podem ter a forma obrigatória onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência, ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais, as afirmações e relatos pessoais. (CHIZZOTTI, 1996, p. 47).

Considerar, pois, as histórias de vida, os relatos pessoais de professores como algo que passou e que se tornou obsoleto e ultrapassado é negar que o passado é sempre analisado no presente. As memórias estão presentes nas lembranças dos professores, que fazem reflexões, comparações, apontam situações semelhantes à realidade presente, realizam inferências do passado com a atualidade. Para Catani e Vicentini (2003, p. 16), “lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir imagens e idéias de hoje com as experiências do passado”. O passado, quando trazido para o presente, transforma-se no diferente e, às vezes, até na novidade, principalmente quando a distância entre passado e presente oculta fatos, valores, metodologias, crenças e relacionamentos. Não se pode creditar ao presente a construção do futuro sem a anuência do passado. A esse respeito, Paulo Freire, traça a seguinte consideração:

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal o passado se compreende, não se muda. (FREIRE, 2003, p. 19).

Compreendemos, assim, que as histórias de vida de professores aposentados são relatos de vida e de profissionalidade. A experiência de que são capazes de reproduzir é, na realidade, a construção de uma identidade pessoal e profissional. É nesse sentido que os

estudos de Schön (1992) apontam para três movimentos que contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. São eles: o conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação e sobre a reflexão na ação. Segundo Nóvoa (1992), esses movimentos, perspectivados por Schön, produzem momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais que, na verdade, são momentos em que cada um produz a sua vida, o que no caso dos professores é também produzir a sua profissão. A compreensão que aflora é que toda história de vida é constituída não apenas de uma ação, mas de várias ações. Recordá-las significa rever conceitos, práticas e pensamentos. Neste caso, comporta indagar: o que o professor faz ao recordar suas ações pedagógicas? Ao refletir na e sobre a ação, como declara Schön (2007, p. 32): “Podemos refletir sobre a ação, pensando retrospectivamente sobre o que fizemos, de modo a descobrir como nosso ato de conhecer-na-ação pode ter contribuído para um resultado inesperado.” Isso implica necessariamente “parar e pensar”, como diz Schön, apoiado em Hannah Arendt.

Empregando essa expressão como um dos fundamentos da metodologia a ser utilizada em nossa pesquisa, evocamos as histórias de vida como um momento em que os professores contam – pensam – refletem, acerca de um percurso em que caminharam e a ele retornaram anos mais tarde. Nessa perspectiva, a reflexão torna-se importante, porque o caminho não será mais o mesmo nem o professor é o mesmo. A riqueza de todo esse mergulho introspectivo e retrospectivo nos meandros da prática pedagógica fica disponível para uso na formação de novos profissionais.

A relação entre histórias de vida de professores e reflexividade pessoal e profissional torna-se, cada vez, mais estreita e interdependente, visto que produz uma nova perspectiva na formação continuada dos professores, principalmente daqueles em início de carreira. Considerada hoje como o lugar da formação continuada, a escola deve promover momentos de troca de experiências, incluindo as histórias de velhos professores, marcada principalmente pelo conhecimento adquirido no percurso da profissão. Desse modo, com base em Nóvoa (2000), reforçamos esse entendimento:

Apesar de todas as fragilidades e ambigüidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceptuais e metodológicos. Gaston Pineu (1990) refere a existência de um verdadeiro movimento socioeducativo em torno das histórias de vida, em uma enorme profusão de abordagens, que necessitam de um esforço de elaboração técnica

baseada numa reflexão sobre práticas e não numa óptica normativa e prescritiva. É importante que este movimento socioeducativo continue a enriquecer-se em termos da acção, caminhando, todavia, no sentido de uma integração teórica que traduza toda a complexidade das práticas. (NÓVOA, 2000, p. 19).

A experiência do conhecer a si mesmo e do conhecer o outro fortalece o trabalho profissional. Na expressão “nós trabalhamos com os outros”, sujeito e objeto se encaminham para a mesma direcção. É o encontro do “eu” e do “tu” ou do “eu” e do “isso”, como Buber (2003) estabelece nas relações do homem com o próprio homem e a natureza. “O TU encontra-se comigo por graça; não é através de uma procura que é encontrado.” (BUBER, 2003, p. 12). Daí nascem as relações e interrelações entre as pessoas que, naturalmente, contribuem para a formação da nossa identidade como pessoa e como profissional. Cada vez mais estamos convencidos de que a formação do professor depende muito mais dele e de suas relações com outros profissionais da escola do que da formação académica unicamente.

A formação académica, tal como é concebida hoje, volta-se mais para os conhecimentos teóricos prescritos por filósofos, pedagogos, psicólogos e outros estudiosos do que para os conhecimentos curriculares, práticos, interdisciplinares, enfim para o conhecimento na acção, como refere Schön (2007). Dessa forma, ao concluir seu curso na Universidade, o futuro professor, em geral, se depara com um abismo que se interpõe entre o que ele estudou e o que ele vai encontrar na escola. Ocorre que é preciso ultrapassar esse “abismo”, a barreira existente entre a vertente teórica e a prática, entre o que estudou e o que ainda precisa estudar. É preciso, pois, decidir,

[...] se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vida dos novos e dos jovens. [...] se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDETT, 2005, p. 247).

As contradições com as quais o professor se confronta, ao assumir a profissão, revelam o grau de incertezas e dúvidas que o esperam na escola. Eis mais um motivo por que a formação deve continuar – de forma muito mais intensa – dentro da própria escola ou em

ambiente extra-escolar. No entanto, uma outra questão se interpõe na busca dessa formação, visto que a própria organização das escolas desencoraja um conhecimento profissional partilhado por professores, o que dificulta o investimento em experiências significativas nos percursos de formação. Nóvoa (1992) deixa claro, desse modo, que a formação está indissociavelmente ligada à produção de sentidos sobre as vivências e sobre as experiências de vida. Desse modo, parece que o âmbito da escola se transforma em outro abismo que o professor iniciante precisa transpor.

Considerações finais

A nossa intenção, ao refletir sobre essas questões, como referido inicialmente, foi discutir os vieses teóricos que integram o método autobiográfico ou as histórias de vida no contexto dos cursos de formação de professores. Como já afirmamos, educação é algo que acontece entre o passado e o futuro, como a vida, diferentemente de aprendizagem que acontece numa relação com o que passou. Dessa forma, os encontros de professores com professores, partilhando seus conhecimentos, suas vivências e suas experiências transformam-se em momentos extraordinários de aprendizagem e de educação.

Esse trabalho de interrelações profissionais entre professores pode servir para um vir-a-ser do novo professor. Nesse caso, não se trata de o velho influenciar o novo e vice-versa, mas a questão da formação está naquilo que se pode extrair do outro, após examinar, através do pensamento reflexivo, o que é pertinente para o seu trabalho.

Não existe nenhuma relação com receituário, ou fórmula pronta para se aplicar na sala de aula, posto que, como reflete Arendt (2005, p. 239), “a qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo.” Não se trata de uma visão individualista, egocêntrica, de cada professor por si, mas, sobretudo, é o coletivo do trabalho profissional influenciando em cada um, sem necessariamente tirar a sua individualidade.

Os professores, de fato, desempenhem um papel importante na produção e na estruturação do conhecimento pedagógico. Isso porque refletem na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a

sociedade em geral. Tudo isso reforça a idéia de que os professores não são apenas técnicos que executam normas e propõem receitas ou se preocupam apenas com a aplicação de teorias em seu trabalho profissional, mas que sejam também construtores de novos conhecimentos, principalmente advindos da ação, das relações e da convivência refletidas com outros profissionais da escola.

Entendemos, pois, que é assim que os relatos de vida dos professores aposentados contribuem com as demandas de formação continuada na escola, se se considerar que a construção e reconstrução do passado seja importante para avaliar o papel social dos professores como profissionais, pois esse papel se transforma com a sociedade que está continuamente se modificando.

Por isso, ouvir professores, suas histórias, seus sucessos e fracassos, suas certezas e incertezas, seus conhecimentos teóricos, suas experiências de vida e de escola, é dar lugar à participação, ao diálogo, é romper barreiras burocráticas, é permitir que novos professores juntamente com os mais experientes interajam na perspectiva de abrir novos caminhos. E, neste entorno, reiteramos que as narrativas, as histórias de vida, propiciam adentrar nesses novos caminhos, permitindo, sobretudo, dinamização e fortalecimento da pesquisa com os professores, colaborando com os seus processos de formação e de auto-formação continuada.

Referências

ALARCÃO, Isabel. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, Isabel (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996. p. 171–189.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: questão de teoria e de método. **Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v.10, n. 1, p. 29–35, jan./jun., 2005.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BELLO, Isabel Melero. **Formação, profissionalidade e prática docente: relatos de vida de professores**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167-183.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 8 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985 – 2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago., 2006.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun., 2002.

BURNIER, Susana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, maio/ago., 2007.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2 ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327 –345, 2005.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000, p. 63–78.

LALANDA, M^a da Conceição; ABRANCHES, M^a Manuela. O conceito de reflexão em J. Dewey. In: ALARCÃO, Isabel (Org.). **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996. p. 41–61.

MAUÈS, Joserlina. **Memória, história de vida e subjetividade:** perspectivas metodológicas em pesquisas educacionais. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/30.pdf> acesso em: 08 nov., 2008.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11–30.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13–33.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 77-92

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

SOUSA, Eliseu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006.